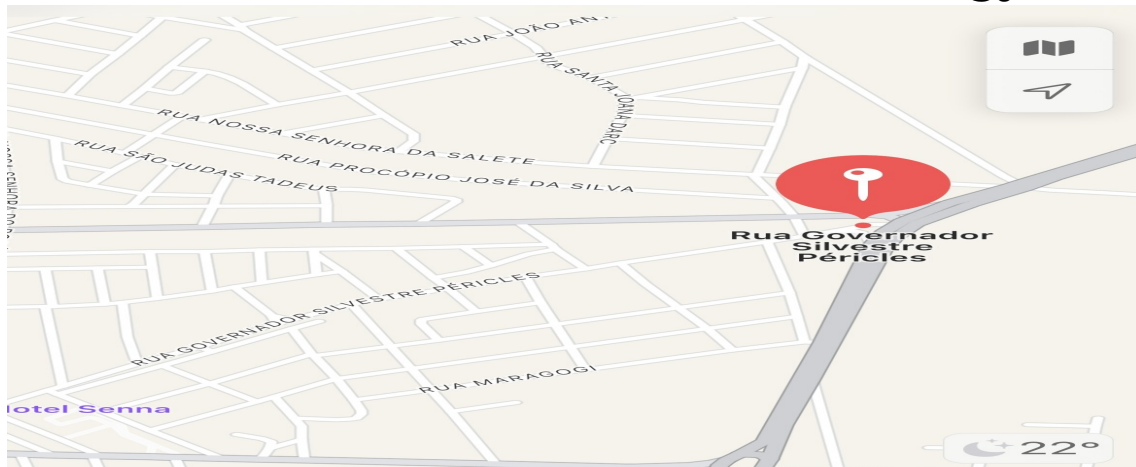


Cruz da moça, uma história de amor

*Manoel Ferreira Lira
morrosanto@gmail.com



A rua Cruz da moça foi rebatizada para rua governador Silvestre Péracles, bairro Jardim Tropical.

Muitos lugares têm suas cruzes da moça, história ou estória que conta um fato ocorrido em uma determinada época, envolvendo sempre uma jovem, e a cruz fincada num determinado lugar. Em Arapiraca, também foi assim. E foi história, que se arraigou na vida de seus habitantes, transformando-se numa memória viva.

Tudo começou nos idos dos anos 40, aqui mesmo em Arapiraca, mas com habitantes das redondezas do Pé Leve. Ele era conhecido como *Caboquinho*, morando no sítio Jurema; ela, *Juvita*, morena jambo, donzela, moça brejeira e alegre, ainda nos seus 17 anos. Havia um terceiro personagem, sem nome, que a família de *Juvita* só ouviu falar tempos depois.

Mas, vamos continuar a história: *Caboquinho* gostava de *Juvita*; *Juvita* gostava de *Caboquinho*. Gostos de um lado e do outro, tudo ia bem, até trocaram alianças. As famílias começaram a se encontrar e jogar conversa fora. Nos encontros festivos, com trio formado por sanfoneiro, tarol e pandeiro, eles se esbaldavam. Quem via de longe, pensava logo: ali tem amor!

Um dia, porém, aliás, sempre há um dia, *Juvita* amanheceu estranha, continuou toda a manhã estranha, e até fugia de conversa com familiares e amigos. Estava emburrada. Quando *Caboquinho* chegou à noite para namorar, rasgando amor pela morena, encontrou-a sisuda, olhar pro chão.

-Que é que há, *Juvita*? Que você tem?

-Nada não *Caboquinho*, é só uma coisa que tenho que falar com você! Disse ela.

-Que é, que é, diga logo!

Juvita olhou para *Caboquinho*, fitou-o nos olhos, e disse:

-Está tudo acabado. Tome a aliança de volta, *Caboquiunho*.

Disse isto e saiu, carrancuda como sempre, deixando *Caboquinho* atônito, boquiaberto, peito apertado, paralisado. Depois, recuperando-se, sentenciou para ele próprio;

-Você não casa comigo e nem com ninguém! Pronto.

Caboquinho saiu trôpego em direção ao sítio Jurema, peito dilacerado de tanta dor.

Uma semana depois, sem o noivo ao lado, mas com familiares, Juvita vai à feira de Arapiraca. Parece que esquecida de *Caboquinho* (tinha até dançado com outro a noite toda, numa festinha pertinho de onde morava). Lá pelas duas horas da tarde, compras feitas, voltou por uma rua tortuosa, de chão batido, a caminho do Pé Leve, já risonha, sorriso largo.

De repente, não menos que de repente, um punhal rasgou o vento e foi encravado em suas costas. Era a mão direita de *Caboquinho* que o empunhava

Juvita caiu morta, silenciosa, sem gritar. *Caboquinho*, foi de imediato agarrado pelos familiares de *Juvita* e morto a paulada, caindo ao seu lado.

Lembranças? Hoje, não. Durante muitos anos, porém, uma cruz pintada de azul, simbolizando *Juvita*, e a cor celeste de Nossa Senhora, foi local de reverência, reza, pedidos, agradecimentos. Muitas fitas de promessas, que diziam atendidas por *Juvita*, eram estendidas na cruz. Muitos diziam que eram acolhidas suas preces.

*Jornalista